

Pesquisa e desenvolvimento de materiais educativos artísticos: dispositivos para uma prática libertadora – Piic/UFES

Edital:	Edital Piic 2024/2025
Grande Área do Conhecimento (CNPq):	Ciências Humanas
Área do Conhecimento (CNPq):	Educação
Título do Projeto:	A constituição da docência e a (inter)conexão de saberes com crianças da Educação Infantil da/na contemporaneidade
Título do Subprojeto:	Pesquisa e desenvolvimento de materiais educativos artísticos: dispositivos para uma prática libertadora
Professor Orientador:	Margarete Sacht Góes
Estudante:	Caroline Heringer de Mello

Resumo

Esta pesquisa tem por objetivo **analisar os materiais educativos artísticos utilizados como dispositivos em ações pedagógicas por educadoras/es na Educação Infantil e desenvolver recursos artístico-literários sensíveis que potencializem as diversidades artísticas, físicas e culturais promovendo uma prática educativa libertadora**. O estudo parte da premissa de que a arte contemporânea e os materiais educativos podem ampliar não só a imaginação e a criatividade, como também ser recurso potente para construção de diálogos sensíveis, contribuindo para práticas educativas libertadoras e inclusivas. Fundamenta-se em autoras/es como hooks (2017; 2018), Vygotsky (1998), Arroyo (2012), Silva (2012), Hofstaetter (2017), Silva e Góes (2021) e Traspadini (2021), que destacam a importância da mediação atenta, da fruição estética e da valorização de contextos sociais, culturais e corporais na aprendizagem infantil. A metodologia de natureza qualitativa, se constituiu como um estudo de caso, utilizando observação, diário de campo, registros fotográficos e entrevistas. Os resultados indicam que desafios, como a resistência a temas de diversidade e a exclusão de livros que abordem gênero, raça e religiões de matriz africana, persistem e que a arte urbana pode ser uma aliada potente para contorná-los. Conclui-se que a arte contemporânea, quando integrada à mediação pedagógica sensível, intensifica a reflexão crítica e a valorização da diversidade, promovendo experiências coletivas de aprendizagem.

Palavras-chave: Educação Infantil. Arte Urbana. Material educativo. Livro de literatura. Prática libertadora.

1 Introdução

Na Educação Infantil, os recursos artísticos desempenham um papel central nas práticas pedagógicas. Nos Centros Municipais de Educação Infantil (CMEI), a arte permeia o cotidiano, desde canções e brincadeiras até materiais educativos, mediando interações e aprendizagens. Conforme hooks (2017), ensinar de maneira sensível e intencional é essencial para criar condições de aprendizado profundo, promovendo uma abordagem afetiva e conectada às realidades das crianças. Arroyo (2012) ressalta o papel da arte em desafiar estereótipos e preconceitos, ajudando a construir novos valores sobre os corpos infantis e suas histórias de resistência. Sob essa ótica, a arte contemporânea, muitas vezes negligenciada, infere-se que ela é um dispositivo indispensável para expandir horizontes artístico-culturais e romper com narrativas hegemônicas.

Vygotsky (1998) destaca o brinquedo e os jogos – aqui trataremos como materiais educativos –, como estímulos para a imaginação e a criação de novas narrativas. Complementando, Hofstaetter (2017) defende a inovação pedagógica, utilizando recursos artísticos para ampliar possibilidades educativas. Silva e Góes (2021) propõem materiais que integrem arte e mediação pedagógica, enriquecendo o repertório infantil.

Nesse contexto, este subprojeto visa desenvolver um material artístico-literário para crianças de 4 a 6 anos de idade, explorando as artes visuais de forma abrangente. Inspirado em autoras como hooks (2017), e Silva e Góes (2021), tem por objetivo **analisar os materiais educativos artísticos utilizados como dispositivos em ações pedagógicas por educadoras/es na Educação Infantil e desenvolver recursos artístico-literários sensíveis que potencializem as diversidades artísticas, físicas e culturais promovendo uma prática educativa libertadora.**

Intenciona criar um recurso pedagógico que explore as artes de maneira abrangente dialogando com artistas e suas obras, evitando o mero tecnicismo e discursos desprovidos de referências artísticas significativas, valorizando a diversidade cultural e estimulando práticas educativas libertadoras.

Diante dessas considerações, propõe-se este subprojeto, que dialoga diretamente com o projeto "A constituição da docência e a (inter)conexão de saberes com crianças da Educação Infantil na contemporaneidade", coordenado pela professora Dra. Margarete Sacht Góes, cujo objetivo é reconhecer e compreender os contextos de vida das crianças, propondo ações pedagógicas inovadoras e mediadas, tendo como dispositivo as imagens, narrativas e a diversidade dos corpos infantis, promovendo sua representação social. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa – CEP/UFES em agosto de 2023, parecer nº 6.275.592 e conta com carta de anuência da Secretaria Municipal de Educação (SEME). Ele é desenvolvido em colaboração com estudantes do Programa de Educação Tutorial – PET Conexão de Saberes Educação (PET EDU), sob a orientação da referida professora. Participam também membros do Grupo de Estudos e Pesquisas em Arte na Educação Infantil (GEPAEI) e orientandas/os do Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação (PPGPE) da UFES.

2 Objetivos

Essa pesquisa tem por objetivo **analisar os materiais educativos artísticos utilizados como dispositivos em ações pedagógicas por educadoras/es na Educação Infantil e desenvolver recursos artístico-literários sensíveis que potencializem as diversidades artísticas, físicas e culturais promovendo uma prática educativa libertadora.**

Especificamente, intenciona-se **criar um recurso pedagógico que explore as artes de maneira abrangente dialogando com artistas e suas obras**, evitando o mero tecnicismo e discursos desprovidos de referências artísticas significativas, valorizando a diversidade cultural e estimulando práticas educativas libertadoras.

Ao idealizar o recurso artístico-literário, considerou-se as questões sociais que afetam o acesso das crianças à cultura, como a elitização dos espaços formais de arte (museus e galerias) e a dificuldade encontrada por professoras e professores em trabalhar temas que envolvam raça, classe, gênero e diversidade religiosa frente a um sistema de educação moldado, histórico e culturalmente, pelo moralismo cristão. Sobretudo, buscou-se **valorizar a arte contemporânea que transborda os espaços formais, como museus e galerias, e desagua no vivo, no cotidiano urbano.**

3 Embasamento Teórico

Esse estudo fundamenta-se em autoras/es como bell hooks (2017; 2018), que fomenta a educação como prática de liberdade e critica a violência patriarcal que é exercida a partir da dominação dos corpos. Seu discurso dialoga intimamente com Miguel Arroyo (2012) e Silva (2012) que destacam o corpo como território em disputa. Este artigo se sustenta em Lev Vygotsky (1998), a partir de sua teoria histórico-cultural. Em Hofstaetter (2017), e Silva e Góes (2021) fundamenta-se a criação de materiais pedagógicos para o ensino da Arte e, em Roberta Traspadini (2021) reconhece-se a rua e a arte urbana como parte de uma educação não formal.

Para hooks (2017, p. 25), “[...] a educação como prática de liberdade é um jeito de ensinar que qualquer um pode aprender”. A autora infere que para uma educação libertadora a/o professora/or precisa abraçar o processo subversivo em sala de aula/atividades, reconhecendo o espaço não apenas como capacitador de estudantes, mas como local de crescimento para a/o professora/or. Para isso é preciso admitir as diferenças, respeitar as identidades e culturas. Contudo, hooks (2017) aponta, em seus estudos, as dificuldades dos profissionais de educação no processo subversivo:

[...] na tentativa de respeitar a “diversidade cultural”, tinham de confrontar não só as limitações de seu conhecimento e formação como também uma possível perda de “autoridade”. Com efeito, o desmascaramento de certas verdades e preconceitos na sala de aula muitas vezes criava caos e confusão. A ideia de que a sala de aula deve ser sempre um local “seguro” e harmônico foi posta em questão. Os indivíduos tinham dificuldade para captar plenamente a noção de que o reconhecimento da diferença poderia também exigir de nós a disposição de ver a sala de aula mudar de figura, de permitir mudanças nas relações entre os alunos. Muita gente entrou em pânico (hooks, 2017, p.46).

Para a autora a educação nunca é neutra e ter esperança de harmonia no processo de livramento da negação das subjetividades é divergir de uma história forjada por antagonismos sociais compostos por dominação e resistência. Nas salas de Educação Infantil comumente pouco notorizada pela sociedade — juntamente com os pequenos corpos que as habitam —, a subversão é um sonho adormecido. Em seu livro “O Feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras”, hooks (2018, p. 111) afirma que:

Em uma cultura de dominação, em que as crianças não têm direitos civis, aqueles que são poderosos — as mulheres e homens adultos — podem exercer controle autocrático sobre as crianças. Dados médicos comprovam que as crianças são abusadas violentamente todos os dias nesta sociedade. Vários desses abusos ameaçam a vida. Muitas crianças morrem. Mulheres perpetuam essa violência tanto quanto os homens, se não mais.

É importante que, ao enfatizarmos a dominação masculina na sociedade, é fácil ignorar que todos (pessoas de diversos gêneros e sexualidades) somos criados dentro da lógica de dominação patriarcal e colonial. Por conseguinte, as crianças, são as que mais sofrem abusos físicos e psicológicos, desconsiderando suas vivências, individualidades e linguagem própria em prol da ordem adultocêntrica e conservadora. Isso se reflete nas salas de Educação Infantil, onde a dominação dos corpos se manifesta em práticas cotidianas de silenciamento, disciplinamento e controle de gestos, afetos e vozes infantis. São regras que buscam domesticar a linguagem e impor modos de estar no mundo que se enquadram a perspectiva adulta que são condizentes com os padrões hegemônicos impostos. Nessa lógica Silva (2012, p. 233) completa a discussão:

O corpo das crianças é um “território em disputa” apropriado pelo Estado, escola, família, mídia e religião, cujas práticas sociais oriundas dessas instâncias deixam tatuagens históricas nas subjetividades e coletivos sociais. São marcas dos tratos e maus-tratos impressos no corpo social; marcas que estão, indelevelmente, associadas à história do corpo e à história da infância e das crianças no Brasil (Silva, 2012, p. 233 *apud* Arroyo; Silva 2012, p. 233).

É diante das marcas deixadas pelas disputas desses corpos, que se faz vital a subversão. A educação como prática de liberdade constrói ponte entre a sensibilidade e formação de pensamento crítico que deve ser encorajada e abraçada pelas professoras/es e gestoras/es dentro dos centros de Educação Infantil a fim de devolver o direito da criança sobre seus corpos e sobre os espaços públicos. Ensinar de maneira sensível e intencional é essencial para criar condições de aprendizado profundo e emancipatório, promovendo uma abordagem afetiva e conectada às realidades das crianças.

Nesse lugar de subversão a Arte tem o papel crucial de evidenciar e desafiar realidades negadas ou impostas sobre os corpos infantis. A relação intrínseca entre Arte-Sociedade e Arte-Humanidade mostra-se como importante fonte de conhecimento que vai além da construção do sujeito estético. A Arte é um paralelo histórico que escancara as divisões criadas pela história e cultura da humanidade. Na contemporaneidade contestar binarismos e fragmentações é aspirar uma constituição de identidade assertiva. Silva (2012, p. 241 *apud* Arroyo; Silva 2012, p. 241) declara que:

Trata-se de entender a relação emancipatória entre arte, corpo e política (políticas do corpo), compreendendo as manifestações artístico-culturais como processo de alfabetização cultural e prática de liberdade a partir do uso de diferentes linguagens (a poética, o teatro, a música, a escultura e outras). Esse processo deve ser dado às crianças, enquanto um direito de se expressar e afirmar sua “voz” e seu corpo, para, deste modo, celebrar a sua identidade num ambiente coletivo democrático.

Arroyo (2012) defende o papel da arte em desafiar estereótipos e preconceitos, ajudando a construir novos valores sobre os corpos infantis e suas histórias de resistência. Sob essa ótica, a arte contemporânea, muitas vezes negligenciada nas escolas das infâncias, torna-se um dispositivo indispensável para expandir horizontes artístico-culturais e romper com narrativas hegemônicas.

O psicólogo Lev Vygotsky (1998), destaca que o brinquedo e os jogos — aqui trataremos como materiais educativos —, são estímulos para a imaginação e a criação de novas narrativas. A partir da perspectiva histórico-cultural, que se fundamenta em compreender o desenvolvimento humano a partir do desenvolvimento das relações sociais históricas e concepções culturais, constrói-se um diálogo com as narrativas das crianças, suas vivências e espaços. No livro “A Formação Social da Mente” (1998), Vygotsky através da teoria da *Zona de Desenvolvimento Proximal* (ZDP), chama atenção para o que a criança pode aprender sozinha (zona de desenvolvimento real) e aquilo que ela pode alcançar sob a orientação do outro mais experiente (zona de desenvolvimento potencial). O autor acredita que o aprendizado da criança é potencializado a partir da colaboração de companheiros mais capazes. Ao nos translocar para o ambiente escolar, o papel da/o professor/a é fundamental para alcançar o máximo potencial de entendimento das crianças, pois são responsáveis por mediar as relações de aprendizagem. No entanto, quando nos deparamos com a temática “diversidade”, retornamos às adversidades encontradas por professoras/es, tanto quanto sua formação, como discutido por hooks (2017), como também obstáculos encontrados nas relações Escola-Professor e Escola-Família.

É nesse contexto que o material artístico-literário se justifica, pois além de inserir as crianças em práticas culturais coletivas, ele pode abrir possibilidades para que as/os professoras/es encontrem sustentação para trabalhar conteúdos sensíveis e, por sua vez a criança, ao acessar signos culturais, amplie seu repertório imagético, reorganizando internamente seus pensamentos e potencializando a internalização de significados estéticos, culturais e humanos.

De acordo com Hofstaetter (2017, p. 2083), os materiais educativos (tratado como objeto propositor pela autora) são “objetos que realizam a função de mediação entre os sujeitos, o meio e os conhecimentos, incluindo a imaginação, a fantasia e a capacidade inventiva de cada um”. A autora defende a inovação pedagógica, utilizando recursos artísticos para ampliar possibilidades educativas e utilizando o campo poético para fugir da visão mecanicista e bancária de aprendizagem, que por sua vez desconsidera a individualidade e a pluralidade da educação, da arte e dos sujeitos.

Silva e Góes (2021) destacam o papel central do material educativo no processo pedagógico, evidenciando o potencial de mediação de tais dispositivos quando criados e utilizados de forma intencional. Destacam a integração da arte e da mediação pedagógica por meio de materiais educativos que enriquecem o repertório infantil.

Nas escolas, faz-se necessário mostrar o artista e sua produção, do contrário, o trabalho vai se constituir na cor pela cor, a história pela história, não fazendo aquilo que Martins e Picosque (2012) consideram essencial, que é a nutrição estética, esta que, em nossa perspectiva, amplia o repertório artístico do/a professor/a e das crianças. Ressaltamos, então, a importância de subsidiar, nutrir as crianças esteticamente com artistas para fundamentar o aprendizado delas (Silva; Góes, p. 219).

Fundamenta-se nessas considerações a idealização do material artístico-literário que adensa a relação entre o artista e suas obras e fomenta a qualidade da mediação educativa ao mostrar o sujeito-artista como evidenciador e reorganizador de sua realidade.

Ao propor o material artístico-literário, considerou-se os desafios encontrados pelas escolas e professoras/es ao trabalhar temas de diversidade. Vale lembrar que, de acordo com o Artigo 3 da Lei de Diretrizes e Bases (Brasil, 1996), o ensino deve ser ministrado seguindo alguns princípios, dentre eles: “liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber” (inciso II); “pluralismo de idéias e de concepções pedagógicas” (inciso III); “respeito à liberdade e apreço à tolerância” (inciso IV); “consideração com a diversidade étnico-racial (inciso XII)”.

É ainda de competência geral da Base Nacional de Comum Curricular (Brasil, 2018, p. 9) “[...] Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva” e “[...] valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural” (Brasil, 2018, p. 9).

Mesmo sustentadas teoricamente na LDB (Brasil, 1996) e na BNCC (Brasil, 2018), a realidade encontrada no confronto Escola-Família-Estado, é uma educação formal engessada pelo modelo neoliberal e cristão, que em ato de violência mascarada por “proteção às infâncias” negam o passado e o presente de um coletivo composto por diferenças.

Nesse sentido, Roberta Traspadini (2021), inspira o empoderamento da arte de rua, destacando-a como arte emancipadora, política e contra-hegemônica.

A beleza da arte de rua presente nos prédios altos da capital, é interpelada na história contemporânea como agressora simplesmente por deixar gigante aquilo que no dia a dia tem existência majoritária nas cidades, mesmo que nossos olhos não queiram ver, existem: mulheres, famílias e culturas negras, índias e camponesas. O grafite quando as pinta, agride a moral estabelecida! (Traspadini, 2021, s/p).

A educadora destaca a rua como território de liberdade, onde a existência negada é fortalecida pela arte urbana, que escancara o que os espaços formais de cultura e educação insistem em tornar invisível. A rua é, portanto, fonte rica de consciência sobre as diferenças, as margens e as insubordinações. O discurso de que somos todos iguais cai sobre o asfalto cinza, que perde a atenção diante das cores do grafite, das pichações e outras tantas expressões artísticas que conversam com o grande e “pequeno” público passante. Assume-se, portanto, a arte urbana como meio de contornar e combater os discursos hegemônicos, coloniais e conservadores, uma vez que torna gigante e plural aquilo que nesta pesquisa queremos dar relevo.

4 Metodologia

Para este estudo, adotou-se a metodologia teórico-prática da pesquisa qualitativa, utilizando o método de estudo de caso. Este enfoque permite explorar os processos complexos da relação entre crianças e professoras/es, bem como a seleção e utilização de materiais educativos na sala de atividades, especialmente em contextos em que surgem desafios ao abordar temas sensíveis e urgentes da contemporaneidade.

O estudo de caso é uma abordagem que oferece uma compreensão detalhada e aprofundada dos fenômenos investigados. Segundo Yin (2015, p. 4), “[...] Como método de pesquisa, o estudo de caso é usado em muitas situações para contribuir ao nosso conhecimento dos fenômenos individuais, grupais, organizacionais, sociais, políticos e relacionados”.

Para a produção de dados, empregou-se técnicas como observação, diário de campo, registros fotográficos e audiovisuais. Estes métodos são cruciais para capturar informações que permitem analisar tanto as práticas quanto os conteúdos desenvolvidos no ambiente educacional.

Inicialmente, conduziu-se uma revisão de literatura para fundamentar teoricamente o estudo e orientar a produção de dados. A partir daí, deu-se continuidade observando e acompanhando em um CMEI de Vitória/ES, durante 20 encontros, uma turma de crianças de 5 a 6 anos (grupo 6), observando as narrativas emergentes das atividades propostas. Durante as visitas ao CMEI, fez-se um levantamento dos livros experienciados em atividades propostas pelas professoras, assim como os disponíveis para uso livre em sala.

O objetivo foi compreender as particularidades e desafios enfrentados pelas/os educadoras/es e investigar como elas/es experienciam a arte na Educação Infantil para desconstruir padrões fixados, como modelos estereotipados e sem intencionalidade de ampliar o repertório artístico-cultural das crianças. Para isso foram realizadas entrevistas através de um formulário *online* com as professoras dos dois grupos 6 do CMEI, além de uma conversa com a pedagoga para um entendimento ampliado sobre as relações escola-professor/a-criança-família.

Num segundo momento, analisou-se o processo de elaboração e implementação dos materiais artístico-literários educativos voltados para a Educação Infantil, explorando a multiplicidade cultural e artística e, principalmente, temas contemporâneos através da Arte Contemporânea. Por fim, observou-se a prática de uso dos materiais artístico-literários nas duas turmas do CMEI, examinando, por meio das narrativas das professoras e crianças, como esses materiais influenciam o ensino e aprendizado em Arte.

5 Resultados e Discussão

O CMEI estudado está localizado em uma comunidade urbana de pequeno porte. Sua estrutura é térrea, ampla, mas carece de espaços verdes. De acordo com o Projeto Político Pedagógico (PPP), a instituição atende famílias de baixa renda, mas grande parte são trabalhadores da região, incluindo famílias de classe média e média alta.

Neste ano, professoras/es e pedagogas/os escolheram como Projeto Institucional o tema “Quintais Brincantes”, inspirado no livro *Quintais Brincantes: Sobrevoos por Vivências Educativas Brasileiras* escrito pelo movimento Quintais Brincantes.

O projeto de sala priorizou brasilidades, culturas locais e povos originários, com atividades que incluíram artes ligadas à natureza, brincadeiras tradicionais (como pular corda e jogos com tampinhas), grafismos indígenas e culinária típica. Foram utilizados materiais diversos, como caixas de papelão e elementos naturais. Livros infantis, frequentemente, introduziram os temas trabalhados com as crianças.

Embora as iniciativas fossem enriquecedoras, percebeu-se que a abordagem artística se manteve no tecnicismo, sem referências artísticas e culturais que ampliassem o repertório das crianças e também, das/os professoras/es. Houve alterações em histórias relacionadas às religiosidades indígenas para evitar contrastes com o cristianismo, além de resistência em inserir cultura afro-brasileira e discutir temas de gênero e sexualidade.

Um levantamento do acervo literário, mostrou que os livros utilizados nas atividades focam em brasilidades, natureza e povos originários (Figura 1).

Figura 1 - Levantamento do acervo literário - “Livros trabalhados em sala pelas professoras”

Livros trabalhado em sala pelas professoras	Observações
HISTÓRIAS EM 3 ATOS - por Bartolomeu Campos de Queirós	
EM CIMA DAQUELA SERRA - por Eucanaã	
ÁGUA - por Ingrid Biesemeyer Bellinghausen	
DIVERSIDADE - por Tatiana Belinkí	
MARIA-VAI-COM-AS-OUTRAS - por Sylvia Orthof	
BOM DIA. TODAS AS CORES! - por Ruth Rocha	
REIS E PLANETAS - por Ingrid Biesemeyer Bellinghausen	
DE OLHO NA MATA ATLÂNTICA - por Ingrid Biesemeyer Bellinghausen	
GABRIEL TEM 99 CENTÍMETRO - por Annette Huber Manuela Olten	
O GATO E A PEDRA - por Fernando A. Pires	LIVRO DE IMAGENS
DUPLO DUPLO - por Menena Cottin	
BRINCADEIRAS DE TODOS OS TEMPOS - por Anna Cláudia Ramos	
KABÁ DAREBU - por Daniel Munduruku	PULOU A PARTE DA FÉ INDÍGENA
OTUPI QUE VOCÊ FALA - por Claudio Fragata	
BRASILEIRINHOS DO PANTANAL - por Lalau e Laurabeatriz	
UM CORDEL PARA MUITOS CHAPÉUS - por Mariane Bigio	
PERIGOSO! - por Tim Warnes	
É O LOBO? - por Ciranda Cultural	
AS AVENTURAS DO BONEQUINHO DO BANHEIRO - por Ziraldo	
BIBI E O BRINQUEDO GENIAL - por Alejandro Alfredo Rosas Vera	

Fonte: Arquivo pessoal da autora.

No entanto, temas sensíveis, como diversidade religiosa e questões de gênero, não foram abordados. Livros que abordavam famílias diversas, como *Olivia tem 2 papais* escrito por Marcia Leite, foram excluídos do acervo da escola (Figura 2) e histórias bíblicas ainda figuravam entre os disponíveis (Figura 3).

Figura 2 - Levantamento do acervo literário - “Livros excluídos do acervo da escola”

Livros excluídos do acervo da escola	Motivo
OLÍVIA TEM 2 PAPAIS - por Marcia Leite	TEM 2 PAIS (APESAR DE REFORÇAR ESTERÉOTIPOS)
LOGO PELA MANHÃ - por Lawrence Schimel	TEM 2 MÃES

Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Figura 3 - Levantamento do acervo literário - “Livros de acesso livre”

DESCOBRINDO A BÍBLIA - Editora Caramelo
ALMANAQUE CHICO BENTO Nº 54 - por Maurício de Souza
ALMANAQUE MAGALI Nº 46 - por Maurício de Souza
O VENTO - por Lino de Albergaria
ALMANAQUE CHICO BENTO Nº 50 - por Maurício de Souza
TOOT! TOOT! ADIVINHA QUAL É O INSTRUMENTO! - por Cocoretto
ALMANAQUE CEBOLINHA Nº21 - por Maurício de Souza
ALMANAQUE MÔNICA Nº 45 - por Maurício de Souza
TINA. QUANDO TUDO DÁ ERRADO - por Maurício de Souza
O VEADO E A ONÇA - por Ana Maria Machado
A SEREIAZINHA - Editora FTD
CLÁSSICOS DA BÍBLIA - DAVI - SALOMÃO - Editora SBN

Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Realizou-se entrevistas com professoras do grupo 5 e 6 e com a pedagoga, além da aplicação de um questionário à uma segunda professora do grupo 6 (Figura 4). Foi revelado que as educadoras enfrentam dificuldades para abordar temas como gênero, sexualidade e culturas que remetem às religiões de matriz africana, em grande parte devido à resistência das famílias e à falta de apoio institucional. A pedagoga destacou o desafio da relação família-escola e a ausência de suporte da Secretaria de Educação em casos de intolerância à diversidade. Isso põe em evidência a fragilidade da gestão escolar diante a inexistência de um sistema educacional que assegure não somente um ensino de qualidade, mas efetivação da LDB e da BNCC.

Figura 4 - Formulário “Pesquisa e desenvolvimento de materiais educativos artísticos: dispositivos para uma prática libertadora”

Pesquisa e desenvolvimento de materiais educativos artísticos: dispositivos para uma prática libertadora

B *I* U ↺ ↻

Esse formulário tem por objetivo compreender os desafios encontrados pelas/os professoras/es ao tratar de temas contemporâneos em escolas de Educação Infantil. Será usado apenas para fins de pesquisa, não sendo divulgado nomes das/os participantes.

O subprojeto **“Pesquisa e desenvolvimento de materiais educativos artísticos: dispositivos para uma prática libertadora”** dialoga diretamente com o projeto “A constituição da docência e a (inter)conexão de saberes com crianças da Educação Infantil na contemporaneidade”, coordenado pela professora Dra. Margarete Sacht Góes, cujo objetivo é reconhecer e compreender os contextos de vida das crianças, propondo ações pedagógicas inovadoras e mediadas, tendo como dispositivo as imagens, narrativas e a diversidade dos corpos infantis, promovendo sua representação social. O projeto é desenvolvido em colaboração com estudantes do Programa de Educação Tutorial – PET Conexão de Saberes Educação (PET EDU), sob a tutela da referida professora, no qual estou envolvida desde maio de 2023. O projeto de pesquisa foi aprovado em 31 de agosto de 2023, pelo Comitê de Ética e Pesquisa – CEP/UFES, com número de parecer consubstanciado 6.275.596 e conta também com carta de anuência da Secretaria Municipal de Educação (SEME).

Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Inspirados em autoras como bell hooks (2013) e reflexões sobre práticas pedagógicas libertadoras, considerou-se a arte contemporânea como dispositivo para abordar esses temas sensíveis. Cunha (2017) destaca que a arte

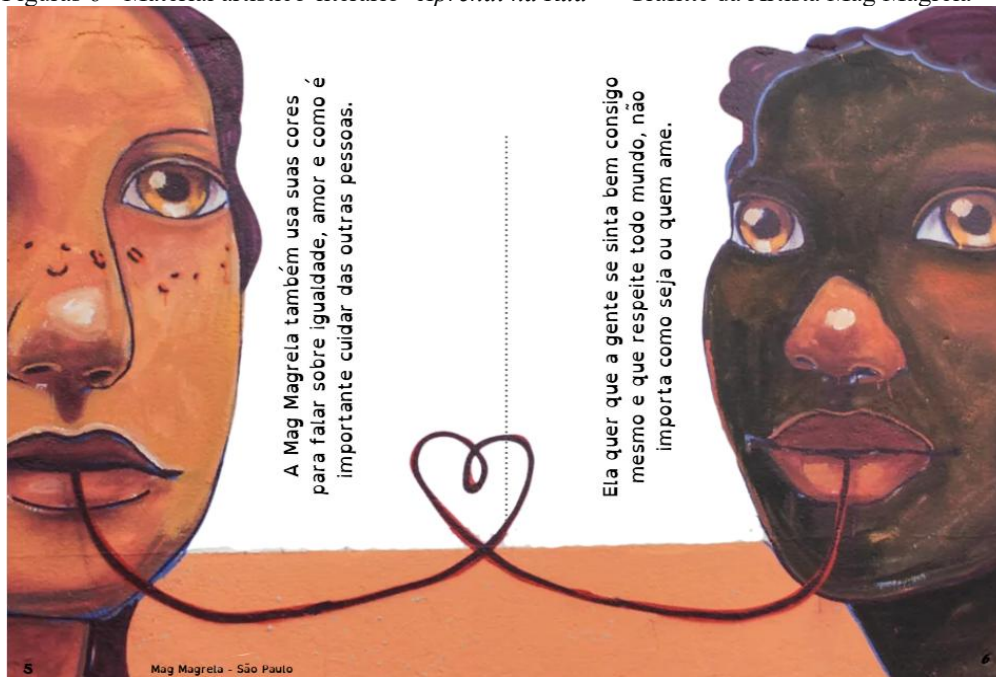
contemporânea, com sua postura exploratória e crítica, dialoga com as demandas das crianças pequenas. Unido ao pensamento de Traspadini (2021) que em um texto crítico e poético destaca a rua como escola da pluralidade, desenvolveu-se um material artístico-literário, intitulado “*Aprendi na Rua*” (Figuras 5 e 6), que utiliza o grafite como uma linguagem acessível para promover diversidade, tolerância e humanidade. Dialogando com artistas como Os Gêmeos, Daiara Tukano, Eduardo Kobra, Mimura Rodrigues e Mag Magrela, a ideia é aproximar as crianças da arte urbana, valorizando o olhar para o entorno e suas complexidades socioculturais.

Figuras 5 - Material artístico-literário “*Aprendi na Rua*”



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Figuras 6 - Material artístico-literário “*Aprendi na Rua*” – Grafite da Artista Mag Magrela



Fonte: Acervo pessoal da autora.

A escolha das/os artistas para a construção do material educativo se deu pela relevância de seus trabalhos dentro das temáticas propostas e pela potência estética que cada um carrega. Os Gêmeos, com suas figuras oníricas e cores vibrantes, permite às crianças entrarem em contato com universos de imaginação sem deixar de discutir a necessidade de fortalecer sua identidade. Os artistas abrem diálogos importantes sobre classes sociais. Daiara Tukano, artista indígena contemporânea, pinta a ancestralidade e a cosmovisão dos povos originários, desafiando a invisibilidade histórica e promovendo o reconhecimento da diversidade étnica e a importância do cuidado ao meio ambiente. Eduardo Kobra, com seus murais de grande escala e paleta cromática intensa, convoca o olhar para personalidades que lutaram por justiça e igualdade, estimulando a memória coletiva. Sua arte cria trilhas para conversas potentes sobre diversidade cultural e religiosa. Mimura Rodrigues traz uma dimensão poética e intimista, aproximando o grafite de narrativas negras e indígenas fortalecendo saberes e maximizando conversas sobre raça, enquanto Mag Magrela, com suas figuras femininas alongadas, tensiona padrões de gênero e abre espaço para discutir corpo, sensibilidade, amor e resistência.

Como destaca Traspadini (2021, s/p), ao discutir a relação entre arte e sociedade: “[...] O popular e a arte não se divorciaram ao longo da história, ainda que possam ser separados pelos reguladores da ordem ou pela midiática ideia de certo e errado propagada para ser reproduzida como verdade, socialmente”. A seleção dos artistas, portanto, não se limitou à estética, mas buscou integrar arte, pedagogia e política, propondo às crianças experiências visuais que ampliassem o repertório crítico e criassem um espaço acolhedor e humanizado.

O principal objetivo na construção do material artístico-literário não foi explicitar conceitos ou explicitar debates sobre diversidade e respeito, mas sim criar espaço e marcar caminhos por onde a/o professor/a pode construir diálogos sensíveis a partir das artes e das/os artistas.

De acordo com os estudos de Vygotsky (1989) quando trata do desenvolvimento e da aprendizagem infantil, ressalta-se que objeto-livro por si só não garante o pleno entendimento da mensagem passada nem o desenvolvimento pleno do pensamento e imaginação já que “Todas as funções no desenvolvimento da criança aparecem duas vezes: primeiro no nível social, e, depois, no nível individual” (Vygotsky, 1989, p.75). Assim, o livro não substitui a mediação docente, mas somado, ele se torna potência nas práticas coletivas, mediadas e nas quais o diálogo, a interação verbal e social, a interpretação de textos e de imagens se fazem presentes.

Nessa direção, para o desenvolvimento das ações pedagógicas e mediadoras, adotou-se a abordagem triangular de Ana Mae Barbosa (2010), em que a contextualização, a fruição (leitura de imagens) e a prática se constituíram etapas fundamentais. A abordagem triangular dialoga diretamente com a perspectiva de educação libertadora defendida por hooks (2018), que enfatiza a necessidade de criar espaços em que os sujeitos possam questionar normas, refletir criticamente e reconhecer seus próprios saberes. Tornando-se ainda mais efetivo quando atravessado pela mediação sensível da/o professor/a, promove diálogo, a escuta, e valoriza a experiência e a voz das crianças, reconhecendo sua autonomia e capacidade de participação ativa no processo de ensino aprendizagem. O desenrolar da ação pedagógica prevista — leitura do livro, mediação, leitura das imagens e a pintura mural —, aconteceu nos espaços públicos e abertos da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), com duas turmas do CMEI de Vitória que participou da pesquisa; ambas do grupo 5. As crianças foram conduzidas em um passeio para observação do local.

C1: Olha um caranguejo!

P: É mesmo! Você achou um caranguejo, o que vocês acham dele?

C2: Ele é legal!

C3: Tem mais ali!

(Diário de Campo, 2025)

Os caranguejos criados por diversos lambe-lambes nas pilastras da passarela da Universidade nos guiaram pelo caminho que foi batizado pelas crianças de “caminho do caranguejo”. Nesse percurso paramos para ver uma instalação artística (autor desconhecido) que desafia a perspectiva quando o olhar da criatura, de espécie debatida pelas crianças — flutuando entre jacaré, dragão e dinossauro —, nos acompanha. Os muros com diversos grafites, desde os mais elaborados como *Pandora* do artista Starley até diversas frases, desenhos e multiplicidade de intervenções sem autoria (Figura 7), serviram de modo a contextualizar as crianças e criar um diálogo sobre o que viam, o que acharam e se já havia visto outras artes perto de suas casas e escolas.

Figura 7 - Intervenções artísticas urbanas



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Esse momento serviu como processo de contextualização da temática trabalhada, deixando as crianças criarem suas próprias conclusões sobre as artes sem impor opiniões pessoais, mas apresentando as/os artistas (em artes assinadas) e métodos usados — *spray*, pincel, colagem, entre outros. O “caminho do caranguejo” se mostrou um percurso potente para sensibilizar as crianças à diversidade de linguagens artísticas e à multiplicidade de olhares, estimulando a percepção crítica e o diálogo sobre os espaços urbanos e sociedade.

O momento da leitura e mediação literária aconteceu na Biblioteca Setorial do Centro de Educação da UFES. Em meio às brincadeiras, incentivamos as crianças a sentarem em roda para reconhecimento do local.

P: vocês sabem que lugar é esse?

Crianças: uma biblioteca!

P: E o que a gente faz aqui?

Crianças: Lê livros!

P: Vocês sabiam que esse é um lugar mágico? Sabem por quê?

Criança 1: Porque os livros nos levam ao mundo da imaginação.

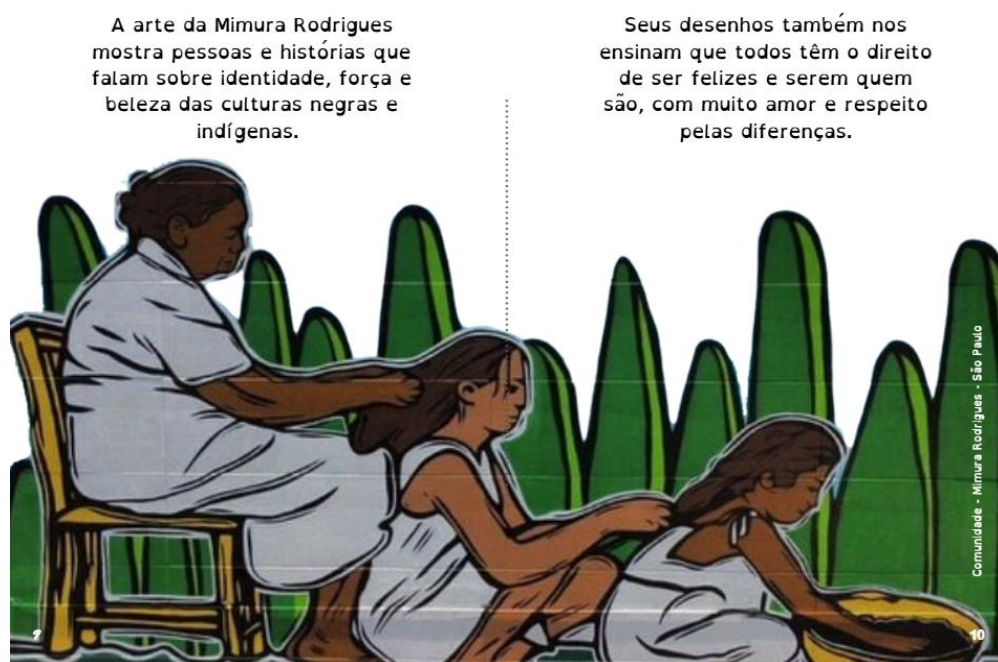
Como infere Vygotsky (1998), a imaginação é condição necessária para a criação e para a aprendizagem, e nesse espaço literário ela foi alimentada pelo diálogo coletivo. Ao adentrarmos o universo literário construímos um movimento lúdico em que as crianças que frequentam os espaços escolares estão familiarizadas. Assim, entrelaçamos fantasia, brincadeira e nos conectamos também à realidade a fim de instaurar um movimento lúdico

que também é político: o da libertação dos corpos. Nesse sentido, dialogamos com Silva (2012), para quem as crianças são corpo inteiro, corpo que brinca e cria, que não pode ser contido sem perder a humanidade.

Ao anunciar o livro *“Aprendi na Rua”*, a pesquisadora apresentou-se como escritora, despertando curiosidade e mostrando que o ato de escrever não é restrito a alguns, mas uma possibilidade aberta a todos. A leitura foi acompanhada fruição (leitura de imagens) que incentivou debates a partir da provocação da mediadora: “o que vocês estão vendo?”; “o que acham dessa imagem?”; “vocês já viram imagens como essa?”; “sabem o que significa religião?”.

Quando as crianças demonstravam não compreender a imagem, acontecia a provocação, a mediação: “vocês acham que é uma família?” (Figura 8); “o que está conectando essas duas mulheres?”.

Figuras 8 - Material artístico-literário *“Aprendi na Rua”* – Grafite da Artista Mimura Rodrigues



Fonte: Acervo pessoal da autora.

A cada apreciação de imagem foi possível construir naturalmente diálogos sobre a/o artista e as suas respectivas obras, abordando os temas de classe, raça, etnia, gênero e diversidade religiosa de forma simples, sensível e efetiva. O olhar das crianças, assim como suas respostas às provocações mostram a facilidade e o pouco estranhamento ao tratar de temas que adultos têm dificuldade. Isso evidencia a importância das interações sociais no desenvolvimento de uma cultura humanizada.

Para Barbosa (2010) a teoria não substitui a experiência e é na prática que o conhecimento se torna vivo e significativo. Foi partindo desse conhecimento que convidamos as crianças para criarem um mural coletivo (Figura 9), tendo como referência os grafites e muralismos explicados no material artístico-literário. A experiência proporcionou às crianças explorarem múltiplas linguagens e construírem seus próprios sentidos, como destaca Cunha (2017) ao tratar da relevância da arte contemporânea para crianças hoje.

Figura 9 - Prática artística coletiva



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Por fim, as crianças puderam expressar suas ideias, sentimentos e vivências de forma coletiva, seguindo o pressuposto de Vygotsky (1998) compreende-se que a mediação potencializou o desenvolvimento da imaginação e da identidade cultural. A ação pedagógica combinou contextualização, fruição e prática (Barbosa, 2010) permitindo que o material artístico-literário, ou melhor, o livro “*Aprendi na Rua*”, se tornasse um dispositivo de aprendizagem, criatividade e diálogo (Silva; Góes, 2021; Hofstaetter, 2017). Isso reforça o protagonismo infantil na experiência estética e política (Arroyo, 2012) e promove práticas sensíveis e libertadoras (hooks, 2017; 2018).

6 Conclusões

A pesquisa evidenciou que a utilização de materiais educativos artísticos na Educação Infantil pode ser um recurso potente para estimular não só a imaginação e a criatividade, mas o pensamento crítico e o diálogo sobre diversidade cultural, étnica, religiosa, de gêneros e dos corpos. Observou-se, conforme apontado por Vygotsky (1998), que a mediação é essencial, pois o objeto-livro, por si só, não garante a construção de sentidos nem o desenvolvimento pleno da criança.

Foi possível identificar que, embora existam iniciativas pedagógicas enriquecedoras, as/os professoras/es enfrentam dificuldades significativas para trabalhar temáticas sensíveis, como diversidade de gênero, sexualidade e religiões de matriz africana ou fora da hegemonia cristã. Esse desafio se manifesta, entre outros aspectos, na exclusão de livros que tratam desses temas do acervo escolar, reforçando padrões e limitando a ampliação do repertório cultural das crianças.

Nesse sentido, a pesquisa reforça a relevância da arte contemporânea, em especial a arte urbana como dispositivo de educação emancipadora, capaz de alcançar espaços e públicos que a educação formal muitas vezes ignora.

Como ressalta Traspadini (2021, s/p), “[...] A arte de rua chega onde os livros não chegam, nos espaços e campos de visão em quem a educação formal insiste em ausentar-se. A arte de rua alfabetiza, embeleza e emudece, no espanto, o retrato colorido das histórias negadas pela história oficial”.

Conclui-se, portanto, que, ao objetivar **analisar os materiais educativos artísticos utilizados como dispositivos em ações pedagógicas por educadoras/es na Educação Infantil e desenvolver recursos artístico-literários sensíveis que potencializem as diversidades artísticas, físicas e culturais promovendo uma prática educativa libertadora**, esta pesquisa se consolida, temporariamente, ao encontrar elementos que reverberam como ações pedagógicas libertadoras e contemporâneas que acionam os saberes artísticos culturais e os corpos das crianças da Educação Infantil.

Por fim, este estudo contribui para o entendimento de que materiais educativos artísticos não apenas ampliam o repertório estético-cultural das crianças, mas também criam possibilidades de intervenção pedagógica sensível, conectada à realidade social e à diversidade dos corpos e histórias infantis. Reiteramos a importância da formação continuada de professoras/es para o uso intencional desses materiais e o desenvolvimento de projetos que integrem arte urbana e contemporânea, literatura e mediação pedagógica, fortalecendo práticas educativas libertadoras e inclusivas.

Agradecimentos

Ao Programa de Educação Tutorial – Conexões de Saberes Educação (PET EDU) e ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Arte na Educação Infantil (GEPAEI) pela colaboração e apoio durante o desenvolvimento desta pesquisa. A Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) pelo espaço e infraestrutura disponibilizados e em especial à Professora Dr^a. Margarete Sacht Góes pela orientação e supervisão do trabalho, cuja experiência e dedicação foram fundamentais para a realização deste estudo.

Referências Bibliográficas

ARROYO, Miguel G.; SILVA, Maurício Roberto da (Orgs.). **Corpo-infância: exercícios tensos de ser criança; por outras pedagogias dos corpos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

CUNHA, Susana Rangel Vieira.da. Uma arte de nosso tempo para as crianças de hoje. *In*: CUNHA, Susana Rangel Vieira da & CARVALHO, Rodrigo Saballa de (Org.) **A Arte Contemporânea e Educação Infantil**. Porto Alegre: Mediação. 2017. p 9-26

HOFSTAETTER, Andrea. Criação de material didático em artes visuais: Dispositivos sensíveis para a proposição de experiências de aprendizagem. *In*: **Anais do 26º Encontro da Associação Nacional dos Pesquisadores em Artes Plásticas**: Memórias e invenções. 25 a 29 de setembro de 2017; São Paulo. São Paulo: ANPAP, 2017.

hooks, bell. **Ensinar a transgredir**: a educação como prática de liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

SILVA, L. S.; GÓES, Margarete Sacht.. Material educativo em arte para crianças. **In: XIV Seminário Capixaba sobre o Ensino da Arte - Perspectivas Plurais**, 2021, Vitória. Material Educativo em Arte para crianças. Vitória: EDUFES, 2021. v. 1. p. 209-224.

SILVA, Mauricio Roberto da. Exercícios de ser criança: o corpo em movimento na educação. *In*: ARROYO, Miguel G.; SILVA, Maurício Roberto da (Orgs.). **Corpo-infância: exercícios tensos de ser criança; por outras pedagogias dos corpos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

TRASPADDINI, Roberta (2021), “**Arte de rua na trincheira da luta anticolonial**”, Outras Palavras (09/02/2021), disponível em: <https://outraspalavras.net/alemdamercadoria/arte-de-rua-trincheira-da-luta-anticolonial/> Acesso em: 10 set. 2025.

VYGOTSKY, Lev. **A Formação Social da Mente**. 6ª edição. Trad. José Cipolla Neto, Luis S. M. Barreto e Solange C. Afeche. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.